



*Lia, mas não  
escrevia*

CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS



Organização  
Luis Felipe Nascimento

*Lia, mas não escrevia*

CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

Organização  
Luis Felipe Nascimento

LIA, MAS NÃO ESCREVIA  
Contos, crônicas e poesia

Luis Felipe Nascimento  
Organizador

Rogério Moreira  
Revisão

Rosana Pozzobon  
Capa e edição de arte

Imagens da capa  
<http://www.freeimages.com>

Paula Izumi  
Ilustrações do miolo



*Você tem liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir este livro Sob as seguintes condições:*

- *Atribuição - Você deve creditar a obra da forma especificada pelo organizador.*
- *Uso não comercial - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.*
- *Adaptações - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você não pode distribuir o material modificado.*
- *Renúncia - Qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.*

---

L693 Lia, mas não escrevia [livro eletrônico] : contos, crônicas e poesias / Luis Felipe Machado do Nascimento (org.). – Porto Alegre: L.F.M. do Nascimento, 2014.  
2168 Kb. [mobi 2322kb]

ISBN: 978-85-915531-3-6  
1. Literatura. 2. Contos. 3. Crônicas. 4. Poesias.  
I. Nascimento, Luis Felipe Machado do.

CDU: 869.87

---

Catálogo na publicação: Tânia Fraga – CRB 10/765



## Caciiilldo

Odalci José Pustai

Outro dia, meu filho reclamou que qualquer ventinho estraga o guarda-chuva. De bate-pronto, respondi que isto era muito bom. Após um pequeno espanto, emendei dizendo que ele esquecia os mesmos no ônibus, na casa dos amigos, etc. Na verdade, não gosto de guarda-chuvas muito resistentes, principalmente se o cano é muito forte. No fim da história, vão entender as razões.

Miro, Cacildo e eu éramos típicos “guris da colônia”. Gostávamos de pescar, caçar com bodoque e jogar bola. Como, muitas vezes, é a oportunidade que desperta o ladrão que existe nas pessoas, nós também aproveitamos uma chance ímpar de dar um salto tecnológico nas nossas caçadas, pois achamos uma coronha velha e decidimos que seria possível enjambrar uma espingarda. A coronha estava presa à caixa de culatra, que mantinha intactos o cão, o gatilho e o guarda-mato. Verificamos que o encaixe das peças deixava o conjunto perfeito, faltando somente o cano. O restante dos acessórios, como cartuchos e munição, certamente conseguiríamos nas caixas de caça dos respectivos pais. Conjecturamos sobre as possibilidades de arrumar um cano, quando o Cacildo disse que a avó tinha herdado um velho guarda-chuva e que o cano era bem grosso e forte. Fomos até a casa do Cacildo e achamos o tal guarda-chuva todo destruído, mas com o cano em ótimas condições. Cortamos o cano com uma serrinha de cortar ferro e constatamos que ele tinha paredes bem grossas.

O cano não era tão comprido como eram os canos das espingardas dos nossos pais, mas achamos que serviria para o nosso propósito. Depois, fomos verificar se o cano se ajustava à caixa de culatra; e parecia até que tinha sido fabricado para isto. Restava saber se tinha algum cartucho que serviria no cano. O Cacildo foi buscar um cartucho calibre 36, que se mostrou muito grosso. Sobrava testar um cartucho de calibre 40, o que conseguimos na casa do Miro. Encaixe perfeito. Como a tarde de domingo estava terminando, fizemos algumas combinações e distribuições de tarefas para o domingo seguinte.

A expectativa era grande para ver se nosso “trabuco” iria funcionar. No domingo, depois da missa, revisamos as combinações: estava tudo certo. Logo no início da tarde, nos encontramos no mato, onde estava escondido todo o material. Conseguimos fixar a coronha na caixa de culatra, com ara-

mes fortemente torcidos com alicate. O arremate foi feito com borracha cansada de trator. Estava muito firme. Pensamos em usar o mesmo arame para fixar o cano, mas desistimos, pois era necessário um movimento de báscula do cano para poder colocar o cartucho. Resolvemos testar a borracha. Passamos várias voltas de tira de borracha no ponto da pegada de mão e atamos bem firme. Para aumentar a segurança, passamos uma tira, não tão apertada, mais próxima ao gatilho. Assim, era possível levantar um pouco o cano para introduzir o cartucho.

Com um pouco dos materiais que cada um "pegou emprestado" dos pais, carregamos o primeiro cartucho somente com espoleta e um pouco de pólvora. O Miro se posicionou atrás de uma árvore e passou um braço de cada lado, segurando a espingarda do outro lado do tronco. Fez "pu" e nada mais. A espingarda e as mãos do Miro estavam intactas. O primeiro teste foi um sucesso. Carregamos outro cartucho, agora com chumbo. Foi repetida a manobra e tudo correu nos conformes. Carregamos todos os cartuchos e saímos como "gente grande" a caçar. Como não encontramos nada de caça no caminho, decidimos que cada um daria um tiro num mandacaru. Foi uma beleza. Dava para contar os furos do chumbo nas folhas do cactus.

Já meio desacoroados com nossa (falta de) caça, vimos uma pomba carij voar sobre nossas cabeças e ir sentar numa árvore de galhos secos. Nos entreolhamos e fomos  caça. No sorteio, o Cacildo saiu vitorioso para atirar primeiro. Chegamos na beira do matinho, protegidos pela copa de um açoita-cavalo. O matinho era basicamente de unha-de-gato, o que dificultou a chegada do Cacildo até embaixo da rvore. A pomba carij continuava sentada, impassível. Eu e o Miro já estávamos ficando inquietos com a demora quando: "pu" – e a pomba carij saiu voando. Olhamos um para o outro e concluímos em conjunto: "O Cacildo não sabe atirar..." Conversa vai, conversa vem, ficamos prometendo um ao outro que, da próxima vez, seria diferente. O tempo ia passando e nada do Cacildo sair do mato. Mas como tinha muita unha de gato, ficamos justificando a demora. Para piorar a situação, comentei que a árvore não era tão alta e que o Cacildo não poderia ter errado o tiro. Percebi uma certa intranquilidade no Miro. Ele olhou para mim e disse:

– Será...

– Que explodiu a espingarda?! – emendei.

Resolvemos chamar por ele. Uma, duas vezes. Gritamos em conjunto, a plenos pulmões: CACIIILLDO!!! E nada. A esta altura, o pânico já tinha tomado conta de nós. Olhamos um para o outro e investimos mato adentro na direção do Cacildo. Em questão de segundos, rasgamos todo o corpo com as unhas de gato e alguns ps de ananás, para depois chegar sob a árvore onde o Cacildo estava deitado de bruços.

– Meu Deus, ele está morto! – gritou o Miro.

Eu me atirei em cima dele para tentar uma salvação milagrosa. Nós estávamos tão apavorados e quase em choque, que demoramos para perceber que o Cacildo não se aguentava de tanto rir. Num primeiro momento ficamos meio patetas, e não dava para entender direito se a gente ria ou chorava. Mas o segundo momento foi de fria. Empurramos o Cacildo para o meio das unhas de gato e enchemos ele de tapas. Depois que nos acalmamos, o Cacildo pediu desculpas. E eu e o Miro tmbm pedimos, para ele esquecer

algumas das bofetadas, dadas em exagero.

O domingo já estava terminado e era chegada a hora de cada um ir para sua casa. Ao contrário do interesse do início da tarde, agora nenhum dos três queria ser o responsável para esconder a espingarda durante a semana. Decidimos no sorteio, e a tarefa de levar a espingarda caiu para mim. Pela alegria dos outros dois, percebi que aquela espingarda tinha se tornado um fardo. Ninguém dizia nada, mas o entusiasmo pela arma tinha sumido. Meu desconforto era tão grande que, enquanto caminhávamos em direção à casa, resolvi bolar um plano para me livrar da espingarda. Quando estávamos relativamente perto, pedi que eles segurassem a arma, alegando que precisava ir cagar no mato. Eles concordaram e eu me embrenhei numa trilha em direção à casa. Quando já estava bem longe, gritei para eles que não levaria a espingarda. Quando saí do mato, já no potreiro, percebi que os dois estavam vindo no meu encalço. Era tarde, pois eles não tiveram coragem de me seguir no potreiro aberto, uma vez que alguém poderia vê-los com uma espingarda na mão, e eles não queriam correr este risco.

No domingo seguinte, o Miro e o Cacildo me contaram que desmontaram a espingarda e que quebraram com o martelo todas as peças, para que fosse impossível qualquer tentativa de remontagem.

Esta é a história de uma tragédia que não aconteceu. E, voltando ao início, acho que realmente não se fabricam mais guarda-chuvas – nem anjos da guarda – como antigamente!